

EDITORIAL

POR QUE TODOS OS CAMINHOS SÃO DA RAINHA DE COPAS?

ANDERSON PINHEIRO

“Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”

“Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato.

“Não me importa muito para onde”, disse Alice.

“Então não importa que caminho tome”, disse o Gato.

“Contanto que eu chegue a algum lugar”,

Alice acrescentou à guisa de explicação.

“Oh, isso você certamente vai conseguir”, afirmou o

Gato, “desde que ande bastante.” (Lewis Carroll, 1865)

Parece que o sonho ou o desejo ou a vontade de muitas pessoas é mesmo poder encontrar algo ou alguém que possa sempre indicar o caminho de acesso de um canto a outro. Mas, na verdade, o que gostamos mesmo é de poder locomover e decidir pelas coisas que queremos absorver do mundo, quando, como e do modo que desejamos.

E quando isso não é possível? E quando é preciso fazer um esforço grandioso para estar ou se sentir incluso nos grupos com os quais transita? Como proceder? Parece fácil ou banal quando observamos de fora, mas tentem imaginar um pouco como é estar no lugar do outro.

Queremos muito. Exigimos muito. Mas, o que fazemos para permitir o acesso dos que estão próximos de nós a coisas mínimas como estar presente numa conversa acompanhando a conversa; compreendendo do que se trata; do que estão observando; do que estão alcançando?

Parece simples, mas como estar na pele de uma criança que tenta ver a vitrine numa exposição que está além de sua visão e alcance?

Parece simples, mas como acompanhar os discursos complexos e truncados de quem tenta explicar para que servia uma moeda do século XIX a alguém que mal sabe escrever seu nome?

Parece simples, mas como contar a alguém que não ouve sobre o que os outros estão rindo devido à graça dita por algum ator durante sua performance?

Parece simples, mas como decifrar uma cena cinematográfica onde o silêncio entre os personagens impera mais que as dúvidas em sua mente?

Particularmente, sempre é mais difícil pôr, diariamente, na mente que tudo é possível e que tudo está ao alcance quando essa crença parece uma canção de Lennon.

Sendo assim, o que é preciso para efetuar a acessibilidade cultural para as cerca de 92% das pessoas que nunca foram a um museu ou instituição cultural (IBGE, 2005), já que cerca de 90% dos municípios brasileiros não possuem sequer salas de cinema, teatro, museu ou outros espaços culturais públicos? Quais as políticas públicas aplicadas para melhorar isso? Quais as experiências museais existentes que buscam a redução desse fosso?

Cabe-nos pensar o que fazemos de concreto no dia a dia (as pequenas ações ou grandes ações, que seja) que de fato ajuda a consolidar algum tipo de acessibilidade cultural?

Parece simples e é quando temos tantos profissionais que nos fazem sentir seres completos, integrantes da grande equipe de seres humanos que transitam, discutem choram e dialogam sobre os mesmos motivos. Isso sem direcionar o olhar de derrota.

A atual publicação tenta demonstrar algumas experiências e discussões que são aplicadas ao redor do país, e até fora, como em nossa vizinha Argentina sobre o que se tem feito para propagar o que temos de mais importante como patrimônio: a nossa memória.

São mais de 20 textos de várias localidades de nosso país, de estudantes recém-formados a pesquisadores de longo prazo. Não esquecendo que a grande maioria concorreu ao edital público levando em conta a temática “Acessibilidade Cultural: o que é acessível, e para quem?”. Pena que não deu para incluir tantos outros textos bons principalmente por problemas com a temática da atual publicação. Quem sabe na próxima? Afinal, como discutir acessibilidade quando alguns são barrados? Seria acessibilidade então desenvolver qualquer tipo de atividade que envolva essa pessoa dita excluída de algo? Se assim fosse, seria mais simples escolher qualquer caminho da rainha de copas e chamá-lo de nosso. O caminho da “verdade”. Porém, creio que mesmo assim sempre ouviremos: “Cortem a cabeça!”

*“You may say I’m dreamer.
But I’m not the only one.
I hope someday you’ll join us
and the world will be as one.” (John Lennon, 1971)*